

DA LEITURA DO ESPAÇO À INTERIORIZAÇÃO DA SUA MENSAGEM – A CONSTRUÇÃO DE UMA CIVILIZAÇÃO

Maria Helena Trindade Lopes

“Não é fácil remontar ilesos o fluir do tempo até universos que, sob aspectos por vezes familiares e simples, ocultam diferenças tão profundas que – se não fossem tidas em conta – tornariam difícil qualquer compreensão”

Sergio Donadoni (dir), *O Homem Egípcio*, p.7

A grande perplexidade e o grande mistério da civilização egípcia, para nós que aprendemos a olhar o mundo e a natureza à luz da nossa racionalidade, reside exactamente na diferente capacidade de entendimento que os egípcios demonstraram ao ler e sentir o seu espaço. Daí à interiorização das principais mensagens desse espaço foi um passo, o necessário para a construção de uma grande civilização.

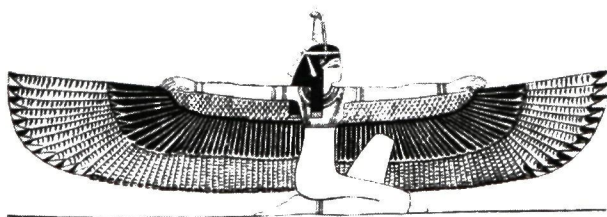


Fig. 1 – Maat, a “ordem do mundo”

A civilização egípcia nasce, cresce e desenvolve-se protegida e “abençoada” por fronteiras naturais¹. A Ocidente e a Oriente, dois desertos: o deserto líbio e o deserto arábico².

A proximidade marcante destes desertos desenha, no espírito do homem egípcio, as imagens de morte, isolamento, solidão e silêncio. A noção de espaço dilata-se, perde os limites. E as vozes que o silêncio transporta, afirmam-se, bem fundo, no seu coração, para imediatamente se transfigurarem e personificarem numa entidade suprema, divina, Set.

A natureza ganha forma, nome e assume o papel de interveniente activo no processo histórico³.

Mas a aridez e a imagem de morte anunciadas pelos desertos são magicamente vencidas pela fonte primordial de vida⁴, que atravessa o território de Sul para Norte. O Nilo, com as suas águas doces e calmas, transporta consigo a mensagem de eternidade⁵. Assume diferentes rostos e nomes, consoante a sua função. É Hapy⁶, o deus da inundação benéfica, mas é, também e sempre, Osíris, o herói fundador, cuja história pessoal se prende, inevitavelmente, com a força activa, divina e criadora das águas⁷.

E, assim, os homens entenderam que a sobrevivência e a eternidade da sua civilização dependia, fundamentalmente, do diálogo entre

¹ Vd. E. Hornung, *L'Esprit du Temps des Pharaons*, Paris, Philippe Lebaud Editeur/Éditions du Félin, 1996, pp. 80/81 e, ainda, Maria Helena Trindade Lopes e Filipe Themudo Barata, *Sentir o Espaço – Do Silêncio da Terra à Sedução do Mar*, Lisboa, Ed. Estampa/Brisa, 1997, pp. 51 ss.

² Para aprofundar esta temática, vd. H. Kees, *Ancient Egypt – a cultural topography*, Chicago, The University of Chicago Press, 1977, pp. 116-134.

³ Vd. Pascal Vernus, *Essai sur la conscience de l'Histoire dans l'Égypte pharaonique*, Paris, Librairie Honoré Champion Editeur, 1995.

⁴ Vd. J. P. Allen, *Genesis in Egypt – the Philosophy of Ancient Egyptian Accounts*, New Haven, Connecticut, Yale University, 1988, p. 4 e, ainda, Yvan Koenig “L'eau et la magie” in *Les Problèmes Institutionnels de l'eau en Égypte et dans l'Antiquité méditerranéenne*, Cairo, I. F. A. O., 1994, pp. 239-248.

⁵ Vd. F. Haikal, “L'eau dans les métaphores de l'Égypte Ancienne” in *Les Problèmes Institutionnels de l'eau en Égypte et dans l'Antiquité méditerranéenne*, Cairo, I. F. A. O., 1994, pp. 205-211.

⁶ Vd. A. de Buck, “On the meaning of the name H^cpj” in *Orientalia Neerlandica*, Leyde, 1948, pp. 1-22.

⁷ Vd. Maria Helena Trindade Lopes, “O mito de Osíris: análise de um mito fundador” in *Hathor 2*, Lisboa, Cosmos, 1990, p. 11.

estas duas realidades ou contrários: os desertos que anunciavam a morte e o rio que transportava a vida. Deste modo, Set e Osíris cresceram no imaginário colectivo, personificando dois princípios complementares. Osíris representava a ordem e a capacidade de renovação inerente a toda a natureza e Set, seu irmão e assassino “simbólico”, simbolizava a contradição ou desordem, a oposição necessária ao dinamismo da criação⁸. E o conflito fratricida, que permaneceu sempre presente no pensamento dos homens e dos deuses, serviu essencialmente para traduzir, de uma forma compreensível, a luta constante do mundo.

Mas esta luta, este conflito perpétuo entre estes dois contrários, entre estas duas forças da natureza, era garantida, de uma forma equilibrada e harmoniosa por Maat, a verdadeira base de sustentação de toda a civilização⁹.

Maat é, fundamentalmente, um princípio cósmico¹⁰. Simboliza a ordem, o equilíbrio e a harmonia do Cosmos e da natureza. O mundo vive de Maat. Os próprios deuses alimentam-se de Maat¹¹ e a criação de um Estado corresponde, na prática, ao estabelecimento de Maat num espaço particular. Maat assume, assim, plenamente, a sua função de princípio orientador e regulador cósmico, político e individual¹². Simultaneamente, preenche um corpo, a fim de se aproximar dos homens, e brilha, plenamente, na sua faceta de deusa da verdade, da justiça e do equilíbrio. Filha e alimento de Ré, o próprio Sol.

Num país essencialmente agrícola, como o Egipto, o Sol torna-se, naturalmente, uma referência fundamental. Diariamente aparece no horizonte e diariamente se esconde ao entardecer. Os homens procuram seguir a sua viagem e decifrar a mensagem destes aparecimentos e desaparecimentos singulares. Espreitam-no, seguem atentamente o seu percurso durante o dia, para depois lhe perderem o rasto e se per-

⁸ A este respeito, cf. H. te Velde, *Seth, god of confusion*, Leiden, E. J. Brill, 1977.

⁹ Vd. J. Assmann, *Mâat, l’Egypte pharaonique et l’idée de justice sociale*, Paris, Julliard, 1989, pp. 98 ss.

¹⁰ C. J. Bleeker, “L’Idée de l’ordre cosmique dans l’ancienne Egypte” in *Revue d’Histoire et de philosophie religieuse*, 2-3 (1962), p. 193-200.

¹¹ Cf. E. Hornung, *o. c.*, p. 132.

¹² Vd. Maria Helena Trindade Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, Lisboa, Teorema, 1989, pp. 91 ss. e, ainda, Maria Helena Trindade Lopes e Filipe Themudo Barata, *o. c.*, p. 29.

derem, com ele, numa profunda escuridão¹³. Mas quando ele voltava a brilhar, no dia seguinte, era uma festa, por que a luz voltava a iluminar a terra e o coração dos homens¹⁴, que assim entenderam que Ré, a fonte de vida, por excelência, o criador do mundo, dos deuses e dos homens¹⁵ era protagonista de uma viagem singular.

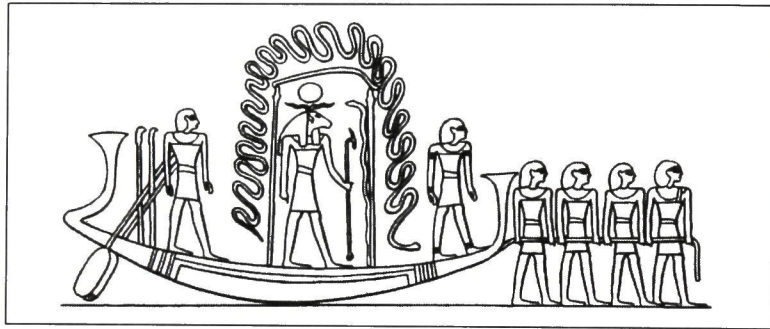


Fig. 2 – O deus Sol na sua barca

Durante o dia, atravessava o céu na sua barca *Mandet*, a fim de trazer a luz e a sabedoria aos homens. E à noite, quando aparentemente se retirava, iniciava a sua viagem na Duat, no mundo das trevas, onde diariamente, pela eternidade, defrontava Apófis, a serpente maléfica que tentava travar a ordem cósmica. Mas Ré, o Sol, saía sempre vencedor desta luta sem tréguas. E a sua vitória simbolizava, também, o triunfo da luz sobre a escuridão, a consagração de Maat.

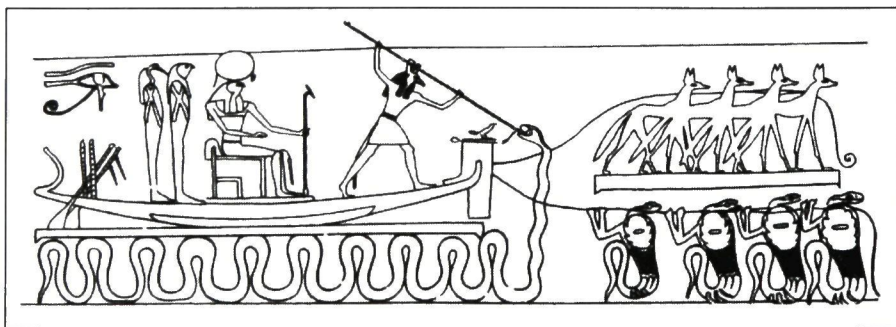


Fig. 3 – Triunfo do deus Sol e do seu acólito Set sobre Apófis

¹³ Vd. Maria Helena Trindade Lopes, *o. c.*, p. 69.

¹⁴ Idem, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, (tese policopiada), Lisboa, 1994, p. 183.

¹⁵ Idem, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, pp. 28 ss.

E foi assim, olhando a natureza à sua volta e decifrando os diferentes enigmas, que o homem egípcio entendeu que Ré e Osíris expressavam, no fundo, com as suas vitórias quotidianas, mas eternas, dois conceitos de tempo-eternidade¹⁶: *neheh* e *djet*.

O primeiro (*neheh*) está ligado a Ré e ao ciclo solar, exprimindo a repetição perpétua deste ciclo. De manhã, o Sol aparecia no seu nome de Khepri. Atingia o cume ao meio-dia, brilhando como Ré, e adormecia à noite, no seu nome de Atum, para repetir, no dia seguinte, este ciclo, tal qual acontecera na primeira vez. Este tempo-eternidade, semelhante a um fluxo, dinâmico, representava o futuro na sua virtualidade bem como o seu retorno cíclico e descontínuo. *Djet* está ligado ao domínio de Osíris e ao mundo subterrâneo da Duat, expressando a

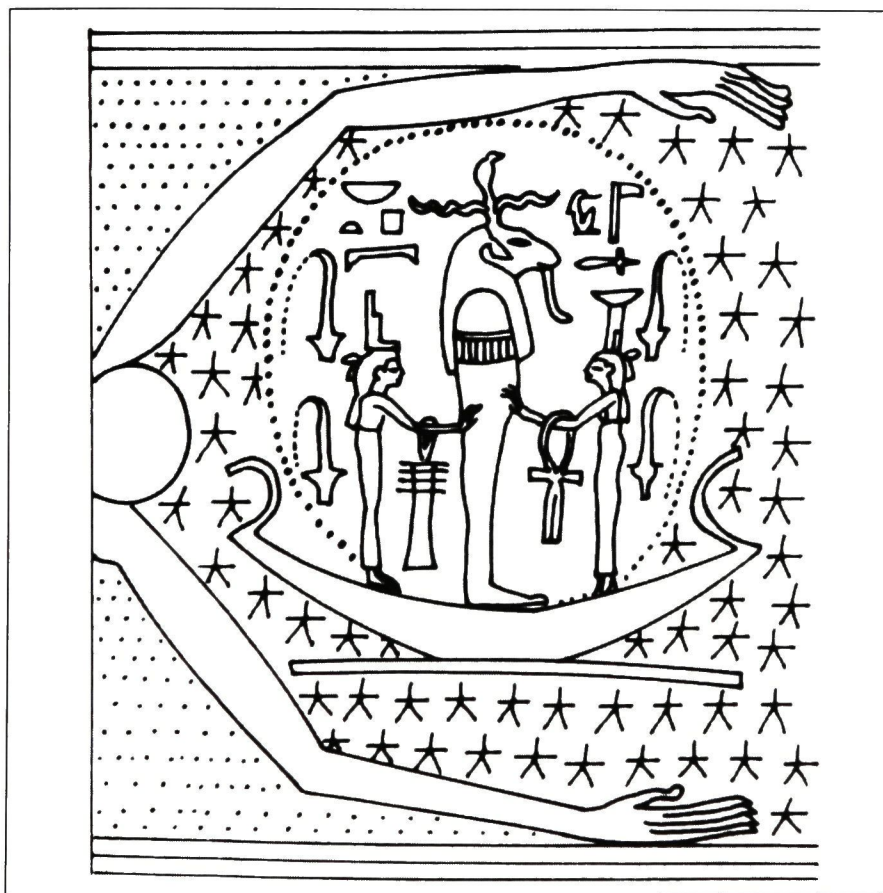


Fig.4 – O movimento eterno de Ré e Osíris fundidos numa pessoa

¹⁶ Vd. J. Assmann, *Zeit und Ewigkeit im Alten Ägypten*, Heidelberg, 1975; E. Hornung, "Zeitlichs Jenseits im alten Ägypten" in *Eranos* 47 (1978), pp. 269-307 e L. Kakosy, "Einige probleme des Ägyptischen Zeitbegriffes" in *Oikumene* 2 (1978), pp. 95-111.

permanência linear deste ciclo: a continuidade na descontinuidade. Este tempo-eternidade representava um aspecto mais estático e acabado do tempo, o tempo linear. Mas ambos exprimiam um tempo que não se pode quantificar e que se conta em milhões de anos indefinidamente.

E são estes dois conceitos, complementares, de tempo, que conduzem às duas grandes mensagens de eternidade da civilização egípcia: a mensagem solar e a mensagem osiríaca. A eternidade dos homens pode conquistar-se mediante estes dois modelos. O primeiro, mais restrito, mais subtil e elaborado, é também mais difícil de alcançar. O segundo, alargado a todos aqueles que cumprissem os rituais funerários, é a “via de salvação” por excelência de todos os homens egípcios¹⁷.

E, assim, compreendemos, naturalmente, que Ré, o Sol, se consagre como o principal deus criador da civilização egípcia¹⁸. E quando as diferentes escolas teológicas ou sacerdotais procuram dar uma explicação da origem do mundo, em praticamente todas as cosmogonias apresentadas, de novo, a água e o sol surgem como referências fundamentais¹⁹. O elemento primordial, por excelência, é a água, o Nun, o oceano primordial onde Atum, o sol, se encontrava adormecido, inerte, despertando depois no seu nome de Atum-Ré, sendo que Atum representava o espírito do mundo e Ré a sua consciência realizadora²⁰.

A proximidade distinta do Nilo e a presença esclarecedora do sol marcaram, definitivamente, a forma do homem sentir e entender o espaço. Um espaço animado, divino, pleno de vozes e de silêncios. E assim, lentamente, paulatinamente, toda a natureza é animada. A própria fronteira Sul do Egito que, na altura da unificação, se situava em Elefantina, junto à 1.^a catarata do Nilo, não escapa a esta visão particular. Dali pareciam provir as águas frias, que alimentavam o caudal do rio ao longo dos anos. E a relevância deste fenómeno era de tal

¹⁷ Vd. F. Dunand; C. Zivie-Coche, *Dieux et Hommes en Égypte*, Paris, Armand Colin, 1991, pp. 159-196 e, ainda, A. B. Lloyd, “Psychology and Society in the Ancient Egyptian Cult of the Dead” in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, New Haven, Connecticut, Yale University, 1989, pp. 117-133.

¹⁸ Vd. J. P. Allen, *o. c.*, pp. 30 ss.

¹⁹ Vd. P. Derchain, “Kosmogonie” in *LÄ III*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1979, col.747-756; J. Assmann, “Schöpfung” in *LÄ V*, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1980, col.677-690; S. Sauneron, J. Yoyotte, *La Naissance du Monde*, col. S. Or 1, Paris, Ed. Du Seuil, 1959, pp. 17-91.

²⁰ Vd. Maria Helena Trindade Lopes, *O Homem Egípcio e a sua integração no Cosmos*, pp. 29 ss.

forma evidente que Khnum, o deus tutelar de Elefantina, se vê, também ele, transfigurado num deus criador²¹.

Curiosamente, só a fronteira norte do Egito escapa a esta “divinização”. O grande mar, o Mediterrâneo, nunca é apropriado magicamente pelo homem egípcio que, no entanto, o sente e apreende como um desafio.

As suas águas salgadas abrem o Egito ao mundo. Permitem-lhe a saída, a evasão, a descoberta e o encontro com novos povos, novas culturas, diferentes formas de ser, estar e falar. Mas quando, efectivamente, o Egito se transforma num estado “imperialista” e parte à conquista de um império exterior, lentamente, paulatinamente, inicia-se a mudança da face e do coração do próprio território e do homem que lhe dera vida²².

Perdem-se os valores e as referências ancestrais. O homem quieto, fechado e protegido no seu mundo mágico, animado, vê-se agora confrontado com um Império onde vingam diferentes rostos, deuses, culturas e palavras.

O “velho” homem interroga-se. Sente-se confuso e perdido. Questiona Maat e a excelência intrínseca da ordem estabelecida. Afasta-se da teologia oficial, mas sobrevive, apesar de tudo, reencontrando nos seus velhos deuses que transforma em deuses pessoais²³.

O confronto com o mundo altera-lhe o tom ideológico e político do discurso, mas não muda a sua forma particular de olhar e sentir o espaço.

As águas doces e calmas do Nilo persistem em vencer a aridez dos desertos e, nesta luta, nesta vitória, o homem reconhece a eternidade da sua história e da sua civilização.

²¹ Vd. *Ibidem*, pp. 38 ss. e, ainda, H. Frankfort, *Kingship and the Gods – a study of Ancient Near Eastern Religion as the Integration of Society and Nature*, Chicago, The University of Chicago Press, 1978, p. 146.

²² Vd. Maria Helena Trindade Lopes, *Os Nomes Próprios no Império Novo*, (tese policopiada), p. 31-39.

²³ Vd. *Ibidem*, pp. 38-39 e, ainda, J. Assmann, “State and Religion in the New Kingdom” in *Religion and Philosophy in Ancient Egypt*, pp. 68-78; J. Baines, “Society, Morality and Religious Practice” in *Religion in Ancient Egypt – Gods, myths and personal practice*, (ed. B. E. Schafer), Itaca, Cornell University Press, 1991, pp. 137-200; P. Vernus, “Le dieu personnel dans l’Egypte Pharaonique” in *Colloque de la Société Ernst Renan*, Orsay, 1977, pp. 143-157.